

AVENÇA

A REGENERACÃO

Este jornal foi visado pela
Comissão de Censura

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro

Composição, impressão e Redacção na

Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

O Panorama da Guerra

e os seus reflexos

COMPREENDE SE perfeitamente que uma nação em guerra — e este é o caso da Inglaterra e da Alemanha — concentre todos os seus cuidados e esforços na decisão vitoriosa da luta. Para esses povos não há outra questão a debater senão a guerra e tudo que com ela se relaciona, pois se trata dum caso de vida ou de morte da própria nação.

Mas como explicar que em nações que não participam directa ou indirectamente na luta a questão da guerra dos outros se torne um problema absorvente que leva à indiferença pelos interesses próprios e determina um afrouxamento das actividades produtivas? Este fenómeno verifica-se no entanto entre nós em determinadas camadas da população. E' a parte doente da Nação que dá sinais da sua existência.

Aquela frase do general Carmona num julgamento célebre: — «A nação está doente», aplica-se com inteira propriedade se bem que apenas a esta camada de indivíduos. E' uma sobrevivência do passado que teima em subsistir.

Sobre a frase do hoje ilustre Chefe do Estado já passaram dezasseis anos. E de então para cá a Nação não é a mesma. Submetida a sábio e rigoroso tratamento, a Nação restabeleceu-se e dá hoje exemplo ao Mundo duma administração que é sem favor considerada exemplar. Por isso lá fora pensa-se hoje a nosso respeito de maneira bem diferente do que se pensava há vinte anos. Gosamos no conceito internacional de indiscutível prestígio e o nosso exemplo tem sido apontado a povos transviados do bom rumo como aquele que devem seguir. Portugal não é há muitos anos o País doente que foi.

A Nação curou-se mas há uma parte dela — ínfima minoria, por sinal — que persiste agarrada ao mal, que não quer curar-se. E' essa minoria que se agita neste momento perturbado da vida das nações.

Trata-se de indivíduos que dispõem de muito vagar, que podem perder tempo a tagarelar sobre cousas inúteis e perigosas. Para eles a guerra não é tal como se desenrola. Eles fazem a sua guerra, uma guerra que não é a verdadeira mas a deles, prevêm com exactidão o seu ritmo, enumeram todas as suas fases, esboçam todas as suas conseqüências. A paixão e a fantasia dão-se as mãos para acumular disparates e deturpações monstruosas dos factos. Tudo é amoldado ao gosto do seu espírito doentio.

E' um dever de todos colaborar na medida dos nossos recursos na obra de ressurgimento nacional, que há doze anos se vem realizando. Fazê-lo é defender a saúde da Nação. E não cumpriremos esse dever se nos embrenharmos na discussão inútil dos factos da guerra, apaixonando-nos por este ou por aquele dos beligerantes, afastando-nos insensivelmente das nossas actividades habituais.

Não nos faltam preocupações e essas de interesse directo para nós todos. E' melhor que apreciemos com a devida justiça as nossas realizações — a construção dos portos de comércio e de pesca, as obras de hidráulica agrícola, a arborização das serras e dunas, etc; etc. E aos que forem propensos a problemas sociais não lhes falta também matéria de exame e observação, vendo a obra enorme que se está realizando nas Casas do Povo e dos Pescadores, a construção das casas económicas e os novos bairros que albergam hoje as famílias nu-

Manifestação a Salazar

Como foi publicado no nosso último número, levou-se a efeito no próximo passado dia 28 de Abril, dia do aniversário em que Salazar fez treze anos em que tomou posse da pasta das finanças, uma das maiores e mais sentidas manifestações de simpatia e apoio, que se tem levado a efeito ao grande estadista Dr. Oliveira Salazar.

Em Figueiró dos Vinhos, enorme multidão ouviu em frente dos Paços do Concelho a transmissão da manifestação e discurso de Dr. Salazar.

O ilustre homem público deve-se sentir satisfeito, pois razas vezes se conseguiu fazer vibrar tão solenemente, com tanto entusiasmo e apoio, a alma nacional a favor de um homem e duma causa.

Estrada Nacional do Barqueiro a Figueiró

Foi incluída no plano das construções para o presente ano seis quilómetros da E. N. n.º 62, do Barqueiro a Figueiró.

A continuação da construção desta estrada, é de alto interesse para Figueiró, porquanto, além de ser mais uma via de acesso a esta linda terra, liga-nos com a freguesia de Arega, o que por intermédio da Câmara não seria fácil, talvez mesmo impossível nestes anos mais próximos.

Pela Imprensa

A' nossa mesa de trabalho chegou mais um novo porta-voz da sociedade culta, o semanário «Acção».

Muito bem apresentado, de belo formato e optima colaboração vai, certamente, obter successo no nosso meio jornalista.

A este novo colega, com o qual vamos gostosamente permutar, desejamos um longo e próspero futuro.

Sá Simões de Almeida

A seu pedido, foi transferido da Mealhada para a Castanheira de Pera, o nosso amigo sr. Sá Simões de Almeida, activo e zeloso funcionário de Finanças. Por ter conseguido os seus desejos, felicitamos o sr. Sá e desejamos-lhe muitas venturas na sua nova colocação.

merosas que residiam nos infectos bairros de «lata» da capital.

Cultivemos o optimismo e a confiança em nós próprios em vez de nos ocuparmos de cousas que não nos dizem respeito.

J. C.

A nossa posição

O discurso pronunciado há semanas pelo sr. ministro das Colónias no acto da posse dos novos Governadores coloniais de S. Tomé, Cabo Verde e Guiné foi mais uma grande e admirável lição de patriotismo de quem, pela magnífica obra realizada na direcção suprema dos interesses do Império Ultramarino, tão bem tem sabido fazer jús ao unânime agradecimento nacional.

Tendo marcado com eloquente clareza e que deve ser a acção administrativa e política dos governadores coloniais o sr. dr. Francisco Vieira Machado acentuou muito especialmente:

«A-pesar das dificuldades presentes Portugal continua nas suas províncias de além-mar, o seu trabalho colonizador com uma serenidade provinda da consciência dos seus deveres e da sua capacidade realizadora.

«Deus há-de fazer surgir sobre a Humanidade doente o sorriso duma manhã serena e límpida.

«Aguardamos com fé profunda o soar das badaladas das primeiras Avé-Marias para que todos vejam que durante a tormenta soubemos trabalhar com amor e com probidade.»

Em verdade nestas rápidas como preciosas palavras do ilustre homem público está feito o elogio merecido e certo da nossa acção colonial nas horas confusas e turbulentas do Presente.

Porém, nem um só momento nos temos esquecido do que a nós próprios devemos, nem das responsabilidades que mercê da nossa nunca interrompida acção civilizadora contraímos para com o Mundo.

Senhores como somos dum grande Império Colonial fieis às nossas tradições e à obra que temos sabido realizar ainda nesta hora nós podemos mostrar a todos os povos que nos olham com cuidado e interesse que sabemos estar completamente à altura das nossas responsabilidades correspondendo pela lisura dos nossos processos pela lealdade das nossas atitudes, aquilo que o Mundo de nós espera, e que sempre temos feito devotadamente.

Porque não somos apenas a estreita faixa de terra europeia apertada entre os rios Minho e Guadiana, mas antes nos estendemos por quatro continentes através os nossos vastos domínios ultramarinos, porque temos sabido sempre cumprir os nossos deveres e a todos mostrado as possibilidades da nossa capacidade realizadora, da nossa acção civilizadora ainda nem um só momento sentimos que o Mundo, mesma na hora em que as nações se dividem e constituem grupos contendores que se degladiam, tivesse deixado de nos olhar com aquela consideração, com aquele apreço a que faz jús o nosso recto procedimento.

Fuga do dois presos da Cadeia

Na tarde do dia 6 do corrente mês de Maio, quando o carcereiro desta vila, sr. Artur de Paiva Furtado servia o jantar aos presos, fugiram António João, de Arega, e Joaquim da Silva Coelho, de Fontão Fundeiro, deste concelho, que aguardavam julgamento.

Os fugitivos, dois gatunos de categoria, aproveitaram um momento propício para sair do calabouço e deixarem ali fechado o carcereiro que começou logo a gritar chamando a atenção da vizinhança. Compareceram, de seguida, algumas pessoas que, embora tivessem ainda perseguido os fugitivos, não conseguiram apanhá-los.

AGUA VAI

Palavras de sempre e de hoje

Cada época é para o que é. A que atravessamos tem de ser necessariamente de abnegação. É necessário que não mais volte a época dos novos ricos. É necessário que todos os portugueses se unam em volta de uma boa harmonia, de paz e concórdia, em redor de uma única bandeira que a todos proteja como se todos os portugueses fossem um só, que todos os benefícios de que possamos dispor sejam para todos e que todos participem dos sacrifícios necessários.

É preciso castigar como réprobos aqueles que não praticam e impingem estes princípios.

Portugal por nossa felicidade, não está em guerra, vive em paz, mas é preciso suportar as consequências que derivam necessariamente do grande brazeiro que está queimando quasi todo o mundo. Unidos todos para o bem e para o mal, o fardo não custa nem metade a suportar, mas se forem deixados à solta os maus instintos daqueles que por um egoísmo selvagem só cuidam de si, sem olhar a meios, esse fardo pode tornar-se insuportável e transformar-se num mal incurável.

É preciso que não voltem os novos ricos, custe o que custar e doa a quem doer, porque aqueles que se prestam a enriquecer de repente à custa da fome e miséria dos semelhantes, são criaturas sem alma que a sociedade não deve suportar, em qualquer tempo, e menos nesta época em que é tão precisa a mais perfeita abnegação.

Que todos ajudem a escorraçar os maus portugueses que se afastam do bem comum, pondo-se incondicionalmente ao lado dos poderes competentes para os auxiliarem a cumprir o seu fim.

Jámais pode esquecer aos que conheceram a fome aqueles dos que de um momento para o outro apareciam com recursos mal ganhos, que para maior mal eram de novo postos ao serviço de novos males, porque, como não tinham custado a adquirir eram de novo postos em negócios que de novo feriam os interesses da sociedade, que têm de ser harmónicos e concordantes. Esperamos confiantes que essa época não voltará, porque o mandado está em boas mãos.

É preciso que todos auxiliem e levem isto sério.

João de Cima

Dr. Alvaro Amorim Pinto

Com o fim de abrir escritório de advocacia na vila de Pedrógão Grande esteve ali o ex.^m sr. dr. Alvaro Amorim Pinto, mui conceituado advogado e Conservador do Registo Civil na vizinha vila de Castanheira de Pera.

Lamentável incidente

No dia 26 do próximo passado mês de Abril, quando regressava da escola para casa, o pequeno Eduardo Pereira da Silva, do Casal de S. Simão, freguesia de Aguda, de 9 anos de idade, filho do sr. Abílio da Silva Alexandre e vindo acompanhado com outra pequena, com tanta infelicidade passavam os dois sobre uma tábuca que que serve de ponte sobre a Ribeira d'Alge, no sítio chamado a Pena, que cairam à água, tendo-se afogado o Eduardo e sendo salva a pequena pelo sr. António Simões Abreu do citado lugar do Casal.

Todos não somos de mais para continuar Portugal

A todos os que lembraram, apoiaram ou viveram esta grandiosa manifestação; àqueles que, abandonando ocupações e trabalhos, vindos de longe ou de perto, mas com incómodos e sacrifícios, quiseram marcar a sua presença ou, não podendo fazê-lo, estão em espírito conosco; aos que por todo o País, nas ilhas ou no vasto Império, neste mesmo dia, levantaram os olhos por momento do que é transitório ou efémero na vida e serenamente se voltaram para o que é perene na Pátria; a todos quantos, dominados por sentimentos de simpatia ou de dedicação, por imperativo da consciência, pela compreensão reflectida ou simples intuição das necessidades nacionais, por este ou aquele caminho trouxeram seu contributo de afecto, de apoio, de solidariedade, de confiança; — a todos dirijo a expressão mais sincera do meu agradecimento.

E faço-o por dois motivos: primeiro, por aquela parcela de afectividade pessoal que se quis emprestar a esta manifestação e que mesmo ao homens cumalados de honrarias jámais cansa e sempre comove, quando se sente brotar límpida do coração do povo; segundo, porque não se podia esperar nem maior consagração de esforços passados nem mais seguro alicerce para toda a obra futura que a unidade viva da Nação.

Temos passado anos a pregar, pela palavra e pelo exemplo, persistentemente, teimosamente, que todos não somos de mais para continuar Portugal. Com o alto nível da nossa tradição histórica e as exigências duma herança de pesados deveres para com a nossa gente e para com os outros povos, seria louca tentativa—louca e vã—construir sobre lutas de partidos, ódios de classes, antagonismos de fortuna ou profissão, divisões em nós mesmos. [Nós] o havemos compreendido e, sem abdicar do sentido da hierarquia necessária à vida social, revelamo-nos como membros solidários duma comunidade que se funda no mesmo sangue, se alimenta dos mesmos frutos de trabalho e vive do mesmo espírito. No trabalho ou nos sacrifícios, no sofrimento ou na caridade, nas alegrias ou nas preocupações da vida individual e colectiva, fomos guiados—e salvos—pelo amor pátrio a reencontrar o elo da solidariedade que devia prender-nos como as pedras de um edificio—sermos finalmente perante o Mundo todos como um só.

É por um lado nesta já agora indestrutível unidade nacional e por outro no valor dos princípios informadores da nossa vida material e moral e consciência desse valor que deve repousar a nossa maior confiança.

São certamente grandes as dificuldades dos tempos, e ninguém sabe neste acanhado Mundo qual a parte e sofrimento que lhe reserva directa ou indirectamente a tragédia da Europa. Temos conseguido, e, digamos, merecido viver em tranquilidade na Península, e temos a certeza de que nos acompanham na nossa conduta a simpatia e solidariedade moral de muitos povos, não seguramente pelo egoísmo duma atitude mas pelo real valor europeu duma política.

Talvez por isso me não parece razoável nos alimentarmos exclusivamente preocupações da guerra, umas baseadas na gravidade real das situações, e sem dúvida legítimas, outras filhas apenas do des-

Casamento

Realizou-se na Igreja da freguesia de Campêlo, no dia 16 de Abril próximo passado, o casamento do sr. Manuel Simões Borna Júnior, de Vilas de Pedro, negociante em Alcanhões, com a sra. D. Lígia Eduarda Fonseca de Abreu, filha da sr. a D. Eduarda Augusta Maria Fonseca de Abreu, professora em Vilas de Pedro.

Foram padrinhos por parte do noivo o seu tio o sr. Alfredo Simões de Carvalho, negociante em Santarém e sua prima a sr. a D. Maria da Piedade Alves Pereira e por parte da noiva os seus tios o sr. Joaquim Barbosa de Almeida, funcionário dos escritórios da C. P. em Lisboa e sua esposa a sr. a D. Celeste Fonseca de Almeida.

Após a cerimónia, os noivos e seus convidados regressaram a Vilas de Pedro, sendo ali servido lanche copo de água, em casa da mãe da noiva.

Aos noivos deseja «A Regeneração» inúmeras felicidades e um futuro cheio de venturas.

Dr. Manuel Diniz Henriques

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o sr. dr. Manuel Henriques, abastado proprietário em Castanheira de Pera.

CARTEIRA

Com alguns dias de licença encontra-se nesta vila o nosso amigo sr. Adelino de Almeida, 2.º fogueiro da nossa Marinha de Guerra.

vairo de fantasias sobreexcitadas ou malévolas contra as quais é preciso reagir. Penso ao contrário mais devem interessar-nos os problemas da paz, pois se a guerra tudo pode destruir, por si mesma nada construirá. Seja qual for a sorte das batalhas, a extensão das ruínas, os horrores dos sacrifícios, a transformação política, económica e social da Europa, vinda de longe, seguirá o seu curso, e na revisão fatal de valores a que a mesma obriga tratar-se-á sobretudo de saber o que somos e valemos, como elementos construtivos, por nosso pensamento e trabalho. E havemos de não ter então o cérebro ôco, o sentimento vário, as mãos vazias.

É certo haver valores absolutos na vida a que tudo mais se subordina e deve sacrificar-se, e alguns desses chamam-se dignidade da Nação, liberdade e independência, integridade territorial que é a própria razão de ser da família portuguesa; mas não sei que alguma nação as desconheça ou alguma ambição as cubice, nem que construção se haveria de fazer sobre o desprêso de realidades tão vivas e consagradas pelo tempo e pelo esforço das gerações.

Não. Tenhamos confiança! Tenhamos fé na lealdade própria e alheia, na ordem, no trabalho, na serenidade e seriedade com que havemos de encarar os problemas e acudir às dificuldades. Confieamos sobroto, mais que na força das armas, na coesa e firme unidade nacional, no profundo e vivo amor à terra portuguesa, naqueles altos exemplos, valores da nossa história e ideais da nossa civilização que as armas não matam e o fogo não pode destruir.

SALAZAR (Discurso pronunciado no Terreiro do Paço durante a manifestação do dia 28 de Abril).

Correspondências

Chinguar, 1 de Março 1941

Nascimento

No dia 15 de Fevereiro pelas 11 horas do dia deu à luz um robusto menino a ex. ma sr. a D. Belmira dos Anjos Agria Ladeira. Aos pais e avós do neofito os nossos parabens.

— O actor Octávio de Matos e sua «Troupe» acha-se nestas paragens, tendo dado espectáculos, obtendo um grande êxito.

E d'esta feita, quer o distinto artista, quer as suas insinuantes bailarinas, e Pepeto o interessante palhaço, foram muito felizes nos seus números, executando-os com verdadeira arte, colhendo por isso bem fartas palmas. Octávio de Matos já em 1927 nos deu o prazer de o vermos neste Chinguar. Diz-nos que vai á outra costa dar espectáculo, e que volta cá. Que seja feliz e que tenha boa viagem.

C.

Revista «Turismo»

Acabamos de receber mais um excelente número da Revista «Turismo», sem dúvida o mais importante e atraente de todos, com cerca de 90 páginas, todas dedicadas à encantadora província do Minho.

Revista «Turismo», dirigida pelo sr. António Pardal, pode considerar-se hoje a nossa primeira revista de turismo, sendo além disso, um excelente documentário das actividades municipais do País e do movimento comercial, agrícola e industrial.

Este valioso número que temos presente, impresso em ótmo papel couché, insere magnífica colaboração fotográfica dos melhores fotógrafos portugueses, entre os quais se destacam Alvão e Belêsa do Porto, e publica desenhos dos artistas Bernardo Marque e Luiz Campos.

Entre a valiosa colaboração, contam-se artigos dos srs. Julio de Lemos, Artur Macial, Dr. Nuno Simões, Julião Quintinha, dr. António Ferreira, Ernesto de Sousa, dr. João Barreira, Ivens Tavares, Jorge Ramos, Santana Quintinha, Mário Cardose, A. L. de Carvalho, e versos dos poetas Teófilo Carneiro, João Saverda Machado, Rebelo de Bettencourt e Francisco Costa.

Este magnífico número da revista «Turismo» traz uma vistosa e artística capa impressa a três cores. Além do seu aspecto artístico, traz uma importante secção de anúncios, respeitante a todo o comércio, terras, hotéis e pensões do Minho.

O próximo número desta patriótica publicação também se anuncia importante, pois destina-se a comemorar o 5.º aniversário da REVISTA «TURISMO».

AGUA MOLE

Os animais

Não nos esqueçamos de que os animais padecem, recomenda José Silvestre Ribeiro aos seus leitores, e com toda a oportunidade.

Muito em especial tenhamos sempre vivo na memória que eles sofrem como nós os horrores da fome, e não dispõem em geral dos meios que estão ao nosso alcance para a saciar.

Outra exortação de José Silvestre Ribeiro, que foi sem contestação o mais notável zocfilo português: «Não nos esqueçamos que aos animais não lhes é dado exprimir o que sentem nem aplicar remédio para os males que sofrem».

Há muitos homens que não se lembram dessas cousas porque só de si se ocupam. São todos aqueles que nasceram maus desígnios, e aqueles, mais numerosos ainda, a quem deixamos no mais completo e mais criminoso dos abandonos no que a educação diz respeito.

Em Portugal é a bem dizer nula a acção ou a influência dos homens de capacidade junto dos pobres e desvalidos.

Procedendo assim, tais homens fazem mal ao mesmo tempo a si e a eles.

Já houve quem muito ajudadamente dissesse que assim como é desagradável viver nas imediações de gente suja, assim também é desagradável permanecer ao pé de pessoas ignorantes e deseducadas.

Desagradável e nada seguro.

O bem estar espiritual e moral dos educados é tanto maior quanto mais polidos são aqueles que nas imediações nossas permanecem habitualmente, quere dizer: os nossos vizinhos, os nossos conterrâneos etc.

E do que se não dão conta os egoístas que só tratam de si e abandonam os outros à sua e à nossa triste sorte...

Luiz Leitão

Alvaro Amorim Pinto
Advogado

Castanheira de Pera

Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras até ao meio dia

A Natureza ao Serviço da Saúde

Um livro que toda a gente precisa ler porque interessa a toda a gente

É um dever de todos nós cuidar da saúde — dom supremo da Natureza. O livro de que se trata é da maior utilidade para todas as pessoas — homens e senhoras, novos e velhos, sãos e doentes — pois lhes mostra o caminho da salvação.

Trata-se de **Sifilis, de Reumatismo, de Doenças de Pele ou de Senhoras?**

Leiam este livro precioso e ficarão sabendo como se curam estas enfermidades por processos simples e inofensivos.

Se as livrarias desta localidade não o tem à venda peçam-no à LIVRARIA BERTRAND, LISBOA.

Preço 10\$00

J. Simões Barreiros & Irmãos, Limitada

Faz-se público que, por escritura de 8 do corrente mês, lavrada nas minhas notas, os srs. dr. Manuel Simões Barreiros, José Simões Barreiros Junior e Alberto Simões Barreiros, constituíram, entre si, uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º—Esta sociedade adopta a firma J. Simões Barreiros & Irmãos, Limitada e fica com a sua sede e estabelecimento na vila Figueiró dos Vinhos.

2.º—O seu objecto é o exercício da industria e comércio de lanifícios e qualquer outro ramo de industria ou comércio que resolve explorar, excepto o bancário.

3.º A sua duração é por tempo indeterminado e, para todos os efeitos, o seu começo se contará desde o dia 1.º de Janeiro do corrente ano.

4.º—O capital social é de 600.000\$00 em dinheiro e corresponde às quotas que os outorgantes subscreveram, ficando cada socio, na sociedade, com uma quota de duzentos mil escudos.

5.º—As quotas acham-se todas realizadas tendo a sua importância dado já entrada na caixa social.

6.º—Não haverá prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer à caixa social os suprimentos, que forem necessários, ficando as importâncias a vencer o juro que se convencionar.

7.º—No caso de interdição ou falecimento de qualquer sócio, poderá a sociedade amortizar a respectiva quota pelo pagamento de pronto do seu valor real, ao tempo da amortização, acrescida da parte respectiva dos fundos de reserva.

8.º—Na cessão e venda de quotas, ficam tendo a sociedade em primeiro lugar e os sócios em 2.º lugar o direito de preferência na respectiva aquisição.

9.º—A divisão de quotas e a sua cessão a estranhos ficam dependentes do expresso consentimento da sociedade.

10.º—A sociedade será representada, em juizo e fora d'elle, activa e passivamente por todos os sócios, que ficam sendo gerentes sem caução.

11.º—Os balanços dar-se-ão no dia 31 de Dezembro de cada ano.

12.º—Dos lucros líquidos, apurados em cada balanço, separar-se-á primeiro a percentagem legal para o fundo de reserva enquanto este não se achar completo e sempre que for preciso reintegrá-lo e o remanescente será, sem prejuizo de qualquer outra deliberação, para dividendo aos sócios na proporção das suas respectivas quotas.

Venda de bens na freguesia de Arega

Estou pela Senhara D. Lucinda da Conceição Rodrigues, actualmente residente em Lourenço Marques, encarregado da venda dos bens que ela tem neste concelho de Figueiró dos Vinhos e recebo propostas para a venda durante o prazo de vinte dias a contar desta data. Figueiró dos Vinhos, 14 de Abril de 1941.

O Procurador,
Augusto d'Ataíjo Lacerda

Anúncio

2.ª publicação

Comarca de Figueiró dos Vinhos
Faz-se saber que no dia vinte e nove de maio próximo, pelas doze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, vai á primeira praça para ser arrematado por qualquer preço oferecido, além do abaixo indicado o prédio que a seguir se descreve e penhorado nos autos de execução por Custas e Sêlos que o digno agente do Ministério Público nesta Comarca move a António Nunes da Conceição, solteiro, do lugar do Campelinho e actualmente preso nas cadeias de Lisboa.

— Prédio a praeear —

O direito e acção á quinta parte de uma morada de casas sita em Campelinho que parte do nascente com o ribeiro, poente com a estrada, norte com herdeiros de António dos Santos Serra e sul com o caminho público. Inscrito na matriz predial urbana o artigo 404, descrito na Conservatória respectiva sob o n.º 30.072 do Livro B-76, e vai á praça no valor de 240\$00
Figueiró dos Vinhos, 16 de Abril de 1941.

O Chefe da 1.ª Secção
Jaime Ribeiro Sucena
Verifiquei a exactidão
O Juiz de direito—Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» n.º 532 de 10 de Maio de 1941

J. Simões Barreiros & Irmãos, Lda

Esta sociedade adopta a firma Manuel Simões Barreiros & Irmão, Lda, e fica com a sua sede na vila de Figueiró dos Vinhos.

Castanheira de Pera, 23 de Janeiro de 1941.

O Notário,
Marcolino da Silva

12.º—As assembleias gerais, salvo os casos em que a lei exija formalidades especiais, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com antecedência de oito dias pelo menos.

13.º—No caso de falecimento de um dos sócios, os seus herdeiros exercerão em comum os direitos do falecido enquanto a quota social se achar indivisa.

14.º—Em caso algum, a firma será empregada em fianças, abonações, letras de favor e mais actos ou documentos estranhos aos negócios sociais.

15.º—Esta sociedade não se dissolve, nem pela vontade, nem pelo falecimento ou interdição de um dos sócios e apenas nos casos marcados no artigo quadragéssimo segundo da lei de 11 Abril de 1901.

16.º—Em tudo o mais regularão as disposições do direito applicável e as deliberações tomadas em reunião dos sócios. Castanheira de Pera, 14 de Março de 1939.

O Notário,
Marcolino da Silva

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

1.ª Publicação

Faz-se saber que no dia 5 de Junho próximo, pelas doze horas á porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão á primeira praça para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado, os imoveis abaixo referidos e penhorados a José Joaquim dos Santos e mulher Maximina de Jesus Santos na execução de sentença que lhes move Manuel Alves, comerciante, e que corre seus termos pela 7.ª Vara desta cidade-sua terceira secção, a saber:

1.º—Uma casa de habitação de sobrados e lojas, com curral e logradouro, na Eira, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.248, e inscrita na matriz predial sob o artigo 314. Vai á praça no valor de 6.280\$00

2.º—Uma terra de sementeira, sita Além da Boiça, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.249 e inscrita na matriz sob o artigo 15.409. Vai á praça no valor de 88\$00

3.º—Uma sorte de terra de seca, na Vinha, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.250 e inscrita na matriz predial sob o artigo 1.115 Vai á praça no valor de 35\$20

4.º—Uma sorte de mato e oliveiras, na Vinha, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.251 e inscrita na matriz predial sob o artigo 1.122 Vai á praça no valor de 246\$40

5.º—Uma sorte de terra de seca, no Pézinho, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.252 e inscrita na matriz predial sob o artigo 1.128. Vai á praça no valor de 74\$80

6.º—Uma sorte de pinheiros, aos Castanheiros do Cavado, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.253 e inscrita na matriz predial sob o artigo 996. Vai á praça no valor de 259\$60

7.º—Uma sorte de mato com um castanheiro e uma cerejeira, ao Castanheiro do Esporão, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.254 e inscrita na matriz predial sob o artigo 863. Vai á praça no valor de 349\$60

8.º—Uma sorte de terra de sementeira de rega, no Lameiro, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.255 e inscrita na matriz predial sob os artigos 908 e 15.407. Vai á praça no valor de 246\$40

9.º—Uma sorte de mato com oliveiras, á Sobreira, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.256 e inscrita na matriz predial sob os artigos 893 e 242. Vai á praça no valor de 92\$40

10.º—Uma sorte de mato com uma oliveira e castanheiros, á Lombinha, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o numero 20.257 e inscrita na matriz predial sob o artigo 875. Vai á praça no valor de 123\$20

11.º—Uma cerca de terra com castanheiros e oliveiras, na Tapadinha, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: Manuel Simões Barreiros & Irmão, Lda

Sede—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Não se efectua aos Domingos

Não se efectua ás segundas-feiras

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectua-se ás sextas-feiras

Efectua-se ás quintas-feiras

Garage em Lisboa: AUTO-LYZ—R. da Palma—Tel. 21363

Predial sob o numero 20.258 e inscrita na matriz predial sob o artigo 1.042. Vai á praça no valor de 365\$20

12.º—Uma sorte de terra de seca com oliveiras sita á Cavada, limite de Peralcovo descrita na Conservatória do Registo Predial sob o numero 20.259 e inscrita na matriz predial sob o artigo 1.028. Vai á praça no valor de 48\$40

13.º—Uma sorte de terra com sobreiros, ao Marco da Seladilha limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o numero 20.260 e inscrita na matriz predial sob os artigos 1.166 e 1.168. Vai á praça no valor de 3.586\$00

14.º—Uma sorte de mato na Ladeira, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o numero 20.261 e inscrita na matriz predial sob o artigo 816. Vai á praça no valor de 83\$60

15.º—Um terreno onde esteve um currau. sito á Lombinha, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o numero 20.263 e inscrita na matriz predial sob o artigo 881. Vai á praça no valor de 20\$00

16.º—Metade de uma sorte de terra de sementeira de rega, sita ás Bouças, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o numero 20.264 e inscrito na matriz predial sob o artigo 15.409. Vai á praça no valor de 200\$00

17.º—Metade de uma sorte de terra de sementeira de rega, sita á Courela, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial, sob o n.º 20.265 e inscrito na matriz predial sob o art.º 15.407. Vai á praça no valor de 286\$00

Figueiró dos Vinhos, 28 de Abril de 1941.

O Chefe da 2.ª Secção
Joaquim José da Conceição Júnior
Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» n.º 532 10 de Maio de 1941

Inglês Lecciona-se teórica e praticamente. Quem desejar dirija-se a Dr. Alvaro Amorim Pinto em Castanheira de Pera.

Anúncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

(1.ª Publicação)

Faz-se saber que por este Juizo e sua 2.ª secção, correm editos de vinte dias, contados da segunda e ultima publicação do respectivo anuncio, citando quaisquer credores desconhecidos para no prazo de dez dias, findos os dos editos, virem á execução hipotecária que José Henriques Morgado, proprietário das Sarzedas do Vasco, move a Manuel Coelho Bartolo e suas filhas Maria do Socorro Bartolo e Amélica Henriques Bartolo, residentes em Vila Facaia, todos desta comarca, deduzir os seus direitos, como determina os artigos oitocentos sessenta quatro e oitocentos sessenta cinco do Código do Processo Civil.

Figueiró dos Vinhos 28 de Abril de 1941.

O Chefe da 2.ª Secção
Joaquim José da Conceição Júnior
Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» n.º 532 10 de Maio de 1941

PEDRA

Vende-se qualquer quantidade para obra, e em grande parte já aparelhada para esquinhas, portas e janelas.

Jerónimo R Pinhão

GÊLO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia da Castanheira de Pera

Crónica da Beira

O primeiro domingo de Outono...

Dia igual a tantos outros dias que a estação anterior nos tinha dado. Sol quente. A terra abrasada, ressequida, apresentava analogias como uma fêmea sem leite; os pinheiros, para além dos quintais, eram, no seu aspecto, exemplo frisante de quanto rigor houvera na quadra estival: as folhas, muito longe de se mostrarem verdes e viçosas, tinham, quasi todas, tons acinzentados; e os ramos, de vez em quando, produziam ruídos secos — deixando cair as pinhas, que as camponesas apanhavam para atear o fogo aos pucaros de barro... E nas courelas, o trabalho pesado e estafante de tirar água ao balde, ainda fazia suar os trabalhadores, — porque as hortas precisavam de regas constantes e os nabos temporões não as dispensavam.

No entanto, o Outono já tinha marcado a sua presença. A lida das vindimas estava terminada. Dias antes, camponeses e camponesas, logo de manhã cedo, dirigiam-se em grupos até às vinhas dos patrões — e só a noite é que punha um curto interregno na faina. Nesses dias de vindima, em casa dos homens de enxada, ficavam apenas as raparigas mais novas ou as avós para cozer um caldo mal temperado e umas batatas.

Até mesmo, das muitas mulheres que procediam ao corte das uvas e ao seu transporte para os lagares, viam-se algumas em estado adiantado de gravidez — suportando a custo as consequências duma situação precária; outras, com orlaças de peito, embulhavam nas nos chales coçados e deitavam nas ao fundo das parreiras — iludindo, uma ou outra vez, a vigilância dos encarregados, para lhes chegarem os seios às boquitas famintas, e fazê-las assim calar, por momentos.

Os pomares, pouco extensos, já não ostentavam os seus frutos, pois tinham sido colhidos por mãos calosas e diligentes, e bem guardados nos sombrios compartimentos das casas antigas de gentes d'algo e nas habitações campestres dos endinheirados. E das parreiras, macieiras e tantas outras árvores frutíferas, desprendiam-se as folhas amarelas e avermelhadas — até acabarem por deixar a mãe — árvore completamente nua e disposta ao seu entorpecimento temporário.

E os caseiros aproveitavam então os últimos dias de sol para que os milhos ficassem bem secos e bem loiros — pois era todos os anos uma arrelia com as pensões por via dos feitores que torciam o nariz por tudo e por nada... Mas o pior eram os «bicos» que se juntavam de Setembro a Setembro; eram as colheitas fracas; os «buanos» caros; o mal nos porcos e nas ovelhas, e um «ror» doutras coisas mais — que só eles sabiam!...

Naquele primeiro domingo de outono, não tomei o café na cama, nem me levantei só pelo meio-dia, para almoçar: Ergui-me à hora cotidiana; vesti o meu fato de todos os dias; — e olhando a estante de livros que se erguia inescrutavelmente a um canto do quarto — um quarto de paredes caiadas a cal grossa e sem os confortos subtis dos «apartements» — entendi que alguma coisa tinha a fazer... Eram problemas, tantos problemas a estudar, que abrangiam um espaço mil vezes superior à minha limitada folha de receita e despesa... Mas não se tratava dessas secções de charadismo que ocupam uma grande parte de algumas revistas que têm o fim inútil de entreter; nem procurava planejar alguma carta de amor, dessas cartas fúteis e pretenciosas, que são a «ocupação» dos «meninos bonitos» e das «meninas prendadas»: — Eram problemas «sérios», que preocupavam a minha cabeça jovem.

E' que eu tinha contacto com os camponeses não como simples e frio espectador, que, do alto da sua importância, vê numa canção a paz de espírito e num fato poído, numa habitação paupérrima, uma existência feliz. Nem tinha sido um excursionista de «kodak» nas mãos e de charuto ao canto da boca que tirasse ali a fotografia a um casebre, acolá a um grupo de crianças sujas e vestidas de farrapos e além a qualquer reminiscência doutra civilização — para «enriquecer» o album, que havia de mostrar orgulhosamente às pessoas aristocráticas, nas refeições das quartas-feiras... — Não! Eu vivera a vida árdua desses que pegam de manhã na enxada, e só a largam ao pôr do sol — para, ao outro dia, labutarem de novo; e tinha sentido quantas canceiras eram necessárias até que o pão fosse recolhido e amontoado nas tulhas dos senhores patrões...

Na vila notava-se o ambiente monotonico que caracteriza os dias consagrados a descanso. As ruas

Sol da vida

Do livro da Eva Curie sobre madame Curie, transcrevemos o que Pierre Curie disse na sua conferência na Academia de Stockolm:—Pode-se conceber ainda que em mãos criminosas o rádio possa tornar-se muito perigoso e aqui cabe perguntar se a Humanidade tem vantagens em conhecer os segredos da Natureza, se ela está suficientemente amadurecida para se aproveitar disso ou se este conhecimento lhe não será nocivo. O exemplo das descobertas de Nobel é característico: os explosivos potentes permitiram aos homens fazer trabalhos admiráveis. Mas são também um meio terrível de destruição nas mãos dos grandes criminosos, que levam os povos para a guerra. Eu sou dos que pensam com Nobel que a Humanidade tirará mais bem que mal das descobertas novas.

Quem quizer conhecer as causas da guerra actual não tem mais que ler os livros: «La crise du Progrès» de Georges Friedmann (N. R. F., 18 F.); «Les Origines de la Guerre Mondiale», de Jean Pons (ed. Moncho—Rabat); o livro de Oliveira Martins «A Inglaterra de Hoje», ou então o magnífico artigo de Felix Pinto, «História Económica Recente» publicado na revista «Pensamento».

Lendo esses trabalhos o leitor ficará ao corrente do conflito actual. Porque o conflito actual não pode ser visto senão através de dados e de sistemas, os quais procuram uma nova partilha do mundo.

O que por aí se tem publicado sobre a guerra, do sr. Cunha Leal, Ferrão, etc., não dão sequer uma vaga ideia dos conflitos e dos interesses de certas potências, chegando mesmo a deturpar a realidade. De que temos necessidade é que o público conheça as causas da guerra. E para as conhecer é necessário olhá-las através das realidades.

E' muito animador o facto de algumas raparigas escreverem agora. Em tempos quasi que se não viam nomes de mulheres a assinar trabalhos na Imprensa. A mulher conserva-se à margem da cultura, não se interessando senão pelos vestidos. Agora, não. A mulher vai modificando-se, vai penetrando na vida e na Cultura, porque entende que a Cultura não é só para o homem, mas também para ela. Por essa razão começam a aparecer raparigas a escrever, a tratar assuntos sérios. Ainda bem que as raparigas despertam para a vida.

Mas é preciso mais raparigas, porque estas são insuficientes. Porque não tentais, vós, leitoras? Se tendes que dizer e bons livros podeis escrever. A linguagem não interessa. O que vale é o conteúdo. Não vos martirizeis com a forma. Pondo em tudo vida e realidade!

Uma das coisas que é necessário combater é a literatura balofa. Ora quem diz literatura balofa diz: Antero de Figueiredo, Júlio Dantas, Aurora Jardim, Ludovina Frias Matos, etc.

Para que serve a literatura? Para escrever banalidades? Não, a literatura só tem valor quando revela alguma coisa de profundo de um determinado povo. Se a literatura revela cabotinismo da parte de alguns que escrevem, torna-se urgente combater esses escritores, porque muita gente pode ser influenciada por tais cabotinos. Em lugar de semelhante literatura, tem de revelar-se uma outra literatura: a literatura do humano. E quem diz literatura do humano, diz: Nizan, Ferreira de Castro, Jorge Amado, Lins do Rêgo, etc.

Há uma coisa que em Portugal nos falta: a literatura infantil. E' evidente que não temos livros para crianças. Já Eça de Queirós tratou do assunto. E uma literatura infantil tem muita importância. Muita importância, porque o espírito da criança assim anda a ser mistificado por uma série de forças ocultas, as quais todos nós conhecemos.

Álvaro Ramos

quasi desertas. Mas os gratinhos da má lingua lá estavam no seu «ofício» de comentar tudo — com estúpida ironia, — desde a rapariga que passava até aos bombardeamentos aéreos de Londres e Berlim... E só arredavam pé quando consultavam a barriga, com aquelas irritantes pancadinhas, e se lembravam que a sopa e as outras iguarias esperavam a guela insaciável... Enfim, era uma questão de barriga, pois assunto não faltava: intriga daqui, intriga dali — todos tinham «novidades» a dar a respeito dos outros, que eles, felizmente, eram muito perfeitos...

As tabernas, essas estavam quasi repletas. Frequentadas, na maior parte, por trabalhadores, que iam apenas para se divertirem, em breve, nesse am-

Tristeza

Bate o sol de chapa na porta da loja em que estou.
No ar
rumoreja
o som livre da hélice e do motor do avião.
E no vai vem da rua
os meus olhos endurecidos fitam
a melancolia dos perdidos e famintos de lá,
a piedade que os corre de porta em porta...
Ah,
que ainda um hei-de ver banidas tôdas as súplicas!

Augusto dos Santos Abranches

Universalidade

Agora já encontrei a minha senda de Ahasvero, que tinha perdido em mim como os passos dum errante entre montanhas e vales.
A minha alma era pequena para a grandeza que eu queria.
A minha boca cerrada não deixava dizer palavras de humano.
Encerrada no meu fundo vivia a antiga lembrança dum mundo que era eu apenas, nos meus tempos passados, sem esperança.

Agora, já sei que a vida não sou eu:
são caminhos, são cidades, gentes, árvores, animais nos desertos e oásis do mundo balbuciente.

Agora, já encontrei o meu caminho:
já não sou judeu errante!

NUNO DE LEMOS

A Voz do Trabalho

Na grandiosa manifestação promovida pela cidade do Porto, em rigorosa sincronia com o que se estava passando em Lisboa, falou um operário do Sindicato Nacional dos Electricistas, como representante de todo o povo. As suas palavras sinceras e claras, são expressão viva de um sentimento unânime da Nação. «Os trabalhadores de Portugal até ao fim, a Revolução continua.

querem nesta hora de solene consagração dizer a V. Ex.^a que pode contar inteiramente com eles, com o seu trabalho, com a sua dedicação, com a sua coragem, com o seu sacrificio, e com as suas vidas, para que a rota traçada por V. Ex.^a seja percorrida, até ao fim» E' este forte sentido da unidade nacional que levará a Revolução a biente degenerador, que cheirava a vinhaça e a aguardente, acabavam por se embriagar — gastando uns magros escudos que melhor seriam aproveitados na borã... Mas eles não conheciam outro clube. Adstritos à terra — verdadeiros servos da gleba —, aos domingos, à tarde, queriam ter um bocadinho seu; e procuravam então a «pocilga» inimiga num vício antigo, que se vinha arrastando de geração em geração... Também, poucos sabiam ler, e desses, muito poucos tinham ultrapassado os conhecimentos necessários que os habilitavam a fazer uma carta cheia de erros. A maioria, uma maioria esmagadora, era analfabeta. E' que as crianças, na idade de frequentarem as escolas, já faziam falta aos pais; já davam o «dia fora»; já ajudavam, muitas vezes em serviços pesados, a aliviar a fome.

...E aquêlê primeiro domingo de Outono acabara como tantos outros domingos... E a luta, cada vez mais forte, não aceitava tréguas...

Manuel Antunes